

## ARTE NACIONAL OU EXPORTADA?

João Francisco da Rosa Labriola, ESAP – Escola Superior de Artes do Porto - Portugal<sup>1</sup>

### RESUMO

Em 2022, no centenário da Semana de Arte Moderna e bicentenário da Independência do Brasil, o mundo nos perguntou o que faríamos, qual a importância de tais datas para a instituição chamada “País Brasil”. Se, de um lado, tínhamos que lidar com o constrangimento de um então governo que nos tirou o MinC e organizava a “*tour* do coração de Don Pedro II”, por outro lado, os artistas brasileiros propunham claramente um outro modelo de pensamento e ação. Morando em Portugal desde 2020, vi batalhas transatlânticas sendo travadas em resposta ao que ocorria no Brasil. Aqui, não só a colônia brasileira fez-se ouvir nas urnas, mas nos festivais de teatro e cinema, nas galerias de arte, na Copa do Mundo, nos maracatus e nos forrós que se espalham por terras estrangeiras. Como artista imigrante, reflito sobre o papel, que inesperadamente me coube, de porta-voz de questões não claras de uma nação em conflito consigo mesma e na escrita de sua história. Estando distante do espaço físico chamado Brasil, novas modalidades de pertencimento se fazem notar, mais sutis, porém que exigem destreza na ocupação dos espaços. Uma reflexão inicial a respeito do significado de exportar a cultura de um país que ainda não tem políticas duradouras de preservação e fomento à cultura. Sua história, mitologia e arte necessitam ser tratadas como questão de prioridade para que o Brasil possa existir de maneira plena, fundindo o Brasil Real e o Brasil Oficial.

**Palavras chave:** Arte brasileira, Artistas Imigrantes, Brasileiros em Portugal, Consciência Cultural, Vanguarda brasileira.

### ABSTRACT

National art or exported art?

In 2022, on the centenary of the Modern Art Week and on the bicentennial of Brazil's Independence, the world was expecting some sort of celebration. Institutionally speaking, how much important those dates are for Brazil as a country? On one hand, we had to deal with the embarrassment of a then government that took away the Ministry of Culture and organized the “Heart of Don Pedro II’s world tour”, on the other hand, Brazilian artists clearly proposed another model of thought and action. Living in Portugal since 2020, I saw transatlantic battles being fought in response to what was happening in Brazil. Here, not only did the Brazilian colony make itself heard at the elections, but at theater and film festivals, in art galleries, at the World Cup, at *maracatus* and *forrós* that spread across foreign lands. As an immigrant artist, I reflect on the role that unexpectedly fell to me, as a spokesperson for the complicated issues of

---

<sup>1</sup> Ator, preparador de elenco e realizador cinematográfico; é Mestre em Realização em Cinema e TV pela ESAP – Porto, pós-graduado em Corpo: Teatro, Dança e Performance na Escola Superior de Artes Célia Helena e Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Cinema pela FAAP. Atua há cerca de dez anos com teatro, cinema, circo e publicidade, tendo se especializado em Clown. Durante seu período como preparador no curso profissionalizante do Studio Fátima Toledo, iniciou sua pesquisa sobre o clown no cinema, tema de sua Dissertação de Mestrado.

a nation in conflict with itself and in the writing of its own history. Being distant from the physical space called Brazil, I could experience new forms of belonging, more subtle, but which require dexterity in the occupation of spaces. This is an initial reflection on the meaning of exporting the culture of a country that still does not have lasting policies for the preservation and promotion of culture. Its history, mythology and art need to be treated as a matter of priority so that Brazil can fully exist, merging the Real Brazil (people's reality) and Official Brazil (the institutional image).

**Keywords:** Brazilian Art, Immigrant Artists, Brazilians in Portugal, Cultural Consciousness, Brazilian Avant-garde.

Artisti brasiliani; prendersi cura o prendere la strada?

Nel 2022, nel centenario della Settimana dell'Arte Moderna di San Paolo e nel bicentenario dell'Indipendenza del Brasile, il mondo ci ha chiesto cosa abbiamo fatto fino adesso, e anche quanto sono importanti le date per l'istituzione chiamata "Brasile". Se da un lato si doveva fare i conti con l'imbarazzo di un governo di allora che ha cessato l'esistenza del Ministero della Cultura e organizzava il "tour del cuore di Don Pedro II", dall'altro gli artisti brasiliani proponevano chiaramente un altro modello di pensiero e azione. Vivendo in Portogallo dal 2020, ho visto combattere battaglie transatlantiche in risposta a quello che accadeva in Brasile. Qui non solo la colonia brasiliana si è fatta sentire alle urne (elettroniche per favore), ma nei festival teatrali e cinematografici, nelle gallerie d'arte, ai Mondiali di calcio, ai *maracatus* e ai *forrós* che si sono diffusi in terre straniere. Come artista immigrato, rifletto sul ruolo che mi è toccato inaspettatamente, come portavoce di questioni poco chiare di una nazione in conflitto con se stessa e nella scrittura della sua storia. Perché sono distanti dallo spazio fisico chiamato Brasile, si notano nuove forme di appartenenza, più sottili, ma anche che richiedono consapevolezza nell'occupazione degli spazi. Una prima riflessione sul significato di esportare la cultura di un Paese che ancora non ha politiche efficienti per la conservazione e la promozione della cultura. La sua storia, mitologia e artistica devono essere trattate come una questione di priorità in modo che il Brasile possa esistere pienamente, fondendo il Brasile reale (il suo popolo) e il Brasile ufficiale (le sue istituzioni).

**Parole chiave:** Arte brasiliana, Artisti immigrati, Brasiliani in Portogallo, Coscienza culturale, Avanguardia brasiliana.

Dois fenómenos se cruzam na vivência de muitos brasileiros nos últimos anos: o de uma guerra civil fria acontecendo em sua terra e o lento, porém constante, fluxo de desgarrados que

cruzam fronteiras, terrestres, aéreas ou marítimas em busca daquilo que lhes ecoe o universo interno.

O gado já não era novo quando surgiu em nosso imaginário popular, mas ainda era admirável, sendo que a ironia atualizou-se com a metáfora recente. É, porém, igualmente alarmante que a vontade de conforto caracterize como rebanho sempre o outro, é sempre pensado de modo alheio, apesar de sermos todos levados por toque de berrantes e má razão.

De fato, na zona de guerra na qual temos vivido sempre no Brasil, cada batalha tem uma nova arma que se inventa, e uma nova forma de combate se faz necessária. Infelizmente, pouco se vê de invenções que revertem o processo de embrutecimento e violência, pouco se vê atitudes de contundência surgirem rumo à paz, à generosidade, ao sentimento e à atitude em torno da gentileza.

Como imigrante, a chegada a um novo país sempre causa algum assombro, e a vivência no dia a dia pode se mostrar completamente imprevisível. Em cada necessidade, da mais simples à mais complexa, é necessário o dobro de atenção a fim de entender as diferentes formas de pensar, e se organizar dentro do contexto social no qual se encontra.

Em uma intenção de salvaguardar os saberes e garantir a livre expressão de ideias, parti primeiramente para a Itália e então para Portugal. Protegido pela distância, como em um bote salva-vidas para mim e para eventuais parceiros de criação, percebi que a imprevisibilidade do meu novo contexto ainda era mais positiva do que a toxidade da situação brasileira de 2019 a 2022.

“Acorda amor eu tive um pesadelo agora  
Sonhei que tinha gente lá fora  
Batendo no portão  
Que aflição  
Era a dura...” (BUARQUE, Chico. Acorda Amor)

A guerra civil fria, porém, não deixou de ser travada, nem por mim e nem por quem ficou em terras brasileiras. Não fugi e nem me alienei, fiz uma mudança tática para colocar-me em uma posição estratégica mais positiva. Além disso, claro, havia, como ainda há, batalhas travadas dentro dessa nova realidade. O mundo atual tem fronteiras muito mais facilmente transponíveis, mas as ideologias e os conflitos migram junto. Da mesma forma, o contexto

imigrante traz um outro tipo de situação: os imigrantes se tornam porta-vozes, ainda que involuntários, do país onde nasceram.

A primeira problemática, notada na simples convivência diária, é a linguística. Na prática, a reforma ortográfica que deveria unificar os falares da língua portuguesa foi ignorado pelos mesmos falantes, seja na academia seja nas ruas.

Imigrante, Emigrante, migrante. Qual palavra definiria a pessoa que sai de seu país para viver em outro? Pela Europa ouvi mais o termo expatriado, talvez devido ao grande número de estrangeiros que tem aqui chegado nos últimos anos em diferentes situações sócio-políticas.

De toda forma, as três palavras se aplicam para a situação de artistas brasileiros vivendo em Portugal, cada uma delas é escolhida dependendo do local onde se encontram os interlocutores, ou mesmo, de qual “lugar de fala” estão comentando.

Se as palavras constituem já uma primeira possível problemática, abrem-se também outras situações que começam a desenhar essa nova realidade no tocante às relações pessoais e estruturação de rotinas e carreiras.

Vejo, então, a possibilidade de articular uma participação mais ativa na história artística e cultural do Brasil a distância.

Há uma grande necessidade de compreender melhor o significado de ser brasileiro, ou do que é o Brasil, para me colocar frente à curiosidade das outras nacionalidades e, inclusive, para melhor me posicionar nessa circunstância onde tudo é novidade.

“É duro ter que caminhar  
E dar muito mais que receber  
E ter que demonstrar sua coragem  
A margem do que possa parecer  
E ver que toda essa engrenagem  
Já sente a ferrugem lhe comer.” (RAMALHO, Zé, Admirável Gado Novo)

Para além disso, minha experiência pessoal traz várias pontas, direções, vivências pontuais ou caminhos apontados que podem seguir ou não, mas que encontram-se em choque em meu mundo interno.

Nesse sentido, então, cada novo passo encontra sob meus pés um caminho inesperado. Não foi pavimentado pelo mesmo impulso imigrante mas, sim, pela consciência de ser habitante. Algumas direções podem ser apontadas para o futuro, outras, interrompidas ou desviadas no curso do tempo.

O que vi inicialmente na vivência na academia de artes foi competitividade a toa. Muita desinformação e uma reticência constante a respeito da presença estrangeira em terras portuguesas. É um dado visto como corriqueiro e circunstancial; não foi problematizado, mas também não foi acolhido como uma possibilidade de novos diálogos. Sendo assim, é já problemático, pois gera um apagamento e um arrebanhamento dos já numerosos brasileiros em terras portuguesas. Ao não se estabelecer um diálogo dentro de algo tão básico quanto a expressão linguística, falada e escrita, já temos um ponto de partida instável, que se torna ainda mais problemático quando normas estabelecidas ou costumes sociais são omitidos e utilizados como maneira de sabotar iniciativas e trabalho criativo idealizados por brasileiros. Não é de conhecimento dos estudantes portugueses, mesmo no meio artístico, que um brasileiro possa ter boas qualificações ou mais e melhores experiências que eles.

No mesmo sentido, a inserção no mercado de trabalho, ou iniciativas de atuação independente no meio artístico, é vista com desconfiança e desdém. Um currículo quase nunca é solicitado em situações de entrevista, causando o desconforto de não se entender o motivo. Seria essa a forma como as coisas são feitas por aqui? Ou seria mais uma forma de sabotar e descartar profissionais que simplesmente não têm conhecimento do *RITO* português?

Em diversas tentativas que fiz de criar um espaço de ensino, difusão e estudo onde seria eu o proponente e principal voz, tive sempre um sucesso parcial. Foi a duras penas, e somente após concluir o mestrado, que abri a primeira porta. Propus, porém, uma atividade que já estava inteiramente estruturada muitos anos antes de chegar a Portugal.

Nesse ponto há algo mais complexo, nem tanto uma opção de ignorar o estrangeiro, mas sim um *modus operandi* que me é muito estranho. O formato de “grupo de estudo”, por exemplo, não existe aqui em Portugal, ao menos nas experiências que eu tive. O estudo informal, o ato de estudar como fim em si, em busca de conhecimento pessoal, não mensurável, o conhecimento por si só, não há.

No Porto, onde vivo, percebi que a academia é altamente ritualizada, cada nova etapa dos cursos é condecorada com uma nova cor de fita ou de símbolos diversos. Ao pensar em cursos livres, fora do contexto universitário, é necessário ter algum atrativo mensurável, como um certificado, ou horas de estágio que sejam validados aos participantes como créditos na universidade; porque é disso que se trata: validar o esforço frente ao sistema académico. Não percebi, quer nos profissionais quer nos estudantes, um interesse no saber pelo saber, no gosto por aprender e debater.

Nos simpósios brasileiros, discussões muito mais abrangentes e complexas, questões de difícil definição e que exigem horas de debate e reflexão, certamente para os portugueses seriam ou perda de tempo, ou vistas como um hobby, uma diversão eventual, não como parte de formação profissional ou humana.

Por outro lado, entendo esse pragmatismo como algo para eu mesmo aprender. Como transformar meus saberes em algo mensurável? Talvez seja um desafio a ser transposto, após o qual as definições daquilo que me proponho a discutir nessa vivência se tornariam mais claras para mim e beneficiariam a todos.

“ Eu venho vindo de uma querência distante  
Sou um boiadeiro errante  
que nasceu naquela serra  
O meu cavalo corre mais que o pensamento  
Ele vem no passo lento  
porque ninguém me espera”(VIEIRA, Tedy. O Boiadeiro Errante)<sup>2</sup>.

Mas este é o ponto: é uma dificuldade que transcende o pensamento intelectual e, as academias portuguesas, porque esse tipo de reflexão não lá está, então não será feito por alunos ou professores, mestres ou doutores, que simplesmente estão acostumados com o andar das coisas e simplesmente continuam.

A discussão sobre liberdade poética na escrita académica, mesmo no meio artístico, sobre artigos neutros, neologismos ou multiplicidade linguística, tão em voga no Brasil de 2018, existe em Portugal, mas é tratada como excessão eventual e com certa surpresa quando ocorre. Em uma revista publicada pelo Teatro Municipal do Porto, encontro uma nota, nas primeiras páginas: “Nesta edição de Cadernos do Rivoli, são respeitadas as escolhas das autoras e dos

---

<sup>2</sup> Nota do autor: Intérpretes: Liu e Léu

autores, (...) à norma linguística do ponto de vista diatópico ou diastrático, e ao uso de linguagem inclusiva e neutra em termos de género”. (COSTA, Jonathan; GALANTE, Pedro; LEITÃO, Cristina Planas, 2023)

Colocando em perspectiva, porém, com o uso do acento agudo na palavra “gênero”, podemos notar uma divergência ortográfica com a prática no Brasil e, com o uso das palavras “diatópico” e “diastrático” para referir-se a regionalismos e possível uso de linguagem coloquial, fica claro que o texto citado foi escrito em um contexto sociocultural diferente do que ocorreu no Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas de 2023.

O uso dialetal da língua em publicações escritas também não é nada comum por aqui, a não ser que sejam em tom declaradamente de comédia, ou voltadas ao próprio público que representa. Explico: pode-se encontrar um texto escrito em Mirandês, variante falada no extremo nordeste do Portugal, mas não vi interesse na generalidade dos portugueses em absorver tal texto em sua vida cotidiana, ou sequer referir-se a existência de uma variante linguística ou cultural dentro de seu território.

A experiência na Itália foi completamente distinta, sendo muito comum encontrar publicações nos dialetos Napolitano, Vêneto, Corsigo, entre outros. compondo esse fenômeno, parte indissociável da própria consciência de um país composto por diferentes reinos de línguas próprias. De fato, o corsigo é considerado uma língua e não um dialeto, o que ressoa com o “Talian”, por exemplo, variante da língua italiana falada sobretudo no sul do Brasil, sendo importante traço cultural da imigração de italianos no Brasil no final do século XIX e início do XX.

Durante o Simpósio de 2023 houve forte presença de narrativas antes isoladas dentro do Brasil, vindas do norte, ou pertencentes aos diversos contextos de população afrodescendente. Ainda que haja muito preconceito linguístico e elitismo cultural em diversas camadas da sociedade brasileira, a Academia de Artes Cênicas e muitos de seus membros, já tomaram conhecimento da importância de dar voz a essas diferentes formas de pensar e agir na cena contemporânea.

Totalmente terceiro sexo  
Totalmente terceiro mundo  
Terceiro milênio  
Carne nua

Nua nua nua nua nua nua nua. (VELOSO, Caetano. Eu sou neguinha?)

É isso: no Brasil, examinam-se detalhes, aprofunda-se muito em cada questão posta em pauta acadêmica, mas tais questões parecem limitadas, com pouco espaço para criatividade e inovação. A academia brasileira reposicionou-se para conseguir fazer leitura de novas questões na arte, como o gênero, como as várias faces da expressão corporal, a corporeidade mais pragmática até os corpos multi-diaspóricos, as multilinguagens, as transdisciplinaridades, o mesmo não se deu com os portugueses.

Qualquer inovação em Portugal é vista com perplexidade e não será aceita só pela sua existência, terá que ser articulada e contextualizada dentro de um viés meticuloso, explicado com exemplos práticos, mostrado, desenhado, praticado. Por mais ligados ao mundo abstrato que os portugueses sejam, o pensamento brasileiro é muito diverso, rápido, caótico. O abstrato português tem que se concretizar em algo. Um texto conciso que seja, uma imagem cuidadosamente montada, uma palestra discursiva, e é isso.

De vez em quando  
Todos os olhos se voltam pra mim  
De lá do fundo da escuridão  
Esperando e querendo  
Que eu saiba  
  
Quer que eu saiba  
  
Mas eu não sei de nada  
Eu não sei de ná. (ZÉ, Tom, Todos os Olhos)

Vale mencionar que, em todas as palestras que assisti em Portugal, os palestrantes portugueses encerravam o evento sem abrir para perguntas da plateia, o que me pareceu estranhíssimo, acostumado que eu sempre fui a ser algo esperável em tais eventos.

A única palestra onde houve perguntas da plateia, foi a de um brasileiro, o amazonense “EMERSON UÝRA” que esteve durante o Festival Mímo no Porto em 2022, apresentando uma impressionante pesquisa sobre as conexões entre biologia e arte, cidade e floresta, evocando a diáspora indígena inserida na contemporaneidade. Não por acaso, seu trabalho foi acolhido pela

“Casa Comum Amazonia”, local dedicado a abrir espaços para a preservação de assuntos relacionados, situada bem no centro da cidade do Porto.

Seu trabalho foi assim anunciado no site da Casa Comum durante o evento em 2022:

EMERSON UÝRA E FERNANDO SEQUEIRA | CASA COMUM AMAZÓNIA BRASIL  
/PORTUGAL  
FÓRUM DE IDEIAS  
GALERIA DA BIODIVERSIDADE | JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DO  
PORTO, PORTO  
25/09/2022 11:00H

MODERAÇÃO: Juan Luis Toboso

Emerson, 30 anos, indígena da Amazônia Central. É biólogo, mestre em Ecologia, e atua como artista visual, arte educadora e pesquisadora. Mora em Manaus, território industrial no meio da Floresta, onde se transforma para viver Uýra, uma árvore que Anda. Destaque da 34ª Bienal de SP, da Bienal Manifesta! e vencedora do Prêmio PIPA 2022, Uýra utiliza o corpo como suporte para narrar histórias de diferentes Naturezas via fotoperformance, performance e instalações. A partir da paisagem Cidade-Floresta, se interessa pelos sistemas vivos e suas violações, com ênfase na memória e na diáspora indígena.<sup>3</sup>

Um outro ponto, não tão óbvio quanto deveria e que causa uma grande dificuldade de conexão na vivência imigrante, são as narrativas nas quais estames inseridos.

Notem, em se tratando de artistas brasileiros, dentro do Brasil, já nos deparamos constantemente com a dificuldade de diálogo, por conta de diferentes lugares de fala, narrativas vindas de contextos e classes diferentes e até vindas de mundos pessoais diferentes. Ainda assim, o país acolhe todas essas narrativas que, ainda que muitas vezes periféricas, pertencem à história comum brasileira. Isso é visto dentro da mais sensível das percepções; ainda que se tente apagar a história de Zumbi, Dandara, Lampião e Maria Bonita, eles viveram e morreram para moldar o jeitinho brasileiro.

Tampouco turva-se a lágrima nordestina  
Apenas a matéria vida era tão fina. (VELOSO, Caetano, Cajuína)

Ao estar, entretanto, fora desse contexto de país, mas em um outro, todas as diásporas que surgem são desconhecidas e, sim, existem. Portugal não é um avatar único, como pensam muitos brasileiros, mas possui diversas regiões com histórias e formas de ver o mundo muito diferentes entre si, ainda mais para quem acaba de chegar.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://mimofestival.com/portugal/forum/emerson-uyra-e-fernando-sequeira/> Acesso em 16/03/2023

Se o Brasil moldou-se internamente durante os já passados 500 anos e é hoje um país diferente do que era na época da colônia, Portugal também não é um país cheio de Pedros Alvares Cabrais ou Dons João VI. Se nem todo brasileiro é ligado ao samba ou ao futebol, também nem todo português canta fado ou come bacalhau.

Ponto importante é sublinhar que a ignorância e a criação de estereótipos não têm espaço algum para formação do pensamento crítico e para a elaboração estética. Como se pode esperar atingir uma síntese imagética, um registro sociocultural e um discurso contundente baseado em achismos ou estereótipos?

Eu vi muitos homens brigando  
Ouvi seus gritos  
Estive no fundo de cada vontade encoberta  
E a coisa mais certa de todas as coisas  
Não vale um caminho sob o sol  
E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol. (VELOSO, Caetano. Força Estranha)

O Brasil tem invadido Portugal, e esse fenômeno histórico, certamente irá mudar o futuro desse país onde hoje vivo. A história, porém, não funciona como as novelas, que param quando se desliga a tv, ou como os livros, que permanecem na espera do leitor quando são fechados. A história de Portugal, claro, correu paralela à do Brasil de 1500, correu paralela à do Brasil de 1964, durante a ditadura militar, estando Portugal sob o regime Salazarista, o qual pouco se estuda a respeito no Brasil, e correu paralela também ao que ocorria no Brasil de 2003 a 2016, anos da gestão petista que prometia um olhar para a igualdade social e para as liberdades pessoais de discurso, religião e orientação sexual.

Não por acaso diferenças podem dar lugar a semelhanças, visto que compartilhamos com os portugueses mais semelhanças do que muitos gostariam de aceitar, uma maneira de ser que às vezes é estranhamente calma, que coloca panos quentes na efervescência das revoltas sociais e que é capaz de elerger déspotas pela via burocrática, sendo figuras como Michel Temer e Eduardo Cunha muito próximas ao que foi Salazar. Chico Buarque, poeta indubitavelmente brasileiro, sempre teve grande interlocução com Portugal, e em mais de um caso expõe pontos de semelhanças profundas entre nós, contradições da história que por um lado nos magoa e, por outro, faz parte de nossa consistência.

Quando me encontro no calor da luta

Ostento a agulha empunhadora à proa  
Mas o meu peito se desabotoa  
E se a sentença se anúncia bruta  
Mais que depressa a mão cega executa  
Pois que senão o coração perdoa.(BUARQUE, Chico. Fado Tropical)

Ao se falar da história mais recente vemos que, enquanto no Brasil se enfrentavam os problemas que sabemos no campo político em 2015, Portugal também enfrentava uma crise política dada a oposição no parlamento entre um primeiro ministro de direita, Pedro Passos Coelho, e a oposição do partido socialista, centrado na figura de Antonio Costa. É notável inclusive que os debates no campo parlamentar português ocorrem com tantas polêmicas quanto no parlamento brasileiro. Ocorrem, porém, com um senso de organização e civilidade do qual os nascidos em Pindorama podem apenas sonhar. Dessa forma, é importante informar e compreender que a crença de que todo português é de direita, é cego à causas sociais ou vive em uma espécie de éden de privilégios, é tão ingenua quanto constrangedora.

Mais vale aos herdeiros da Semana de 22, aos pensadores pós-Antropofagia, que ainda que não se alinhem a esse tipo de pensamento universalista daquela época, que ao menos se dêem ao trabalho de pesquisar os diversos contextos plurinacionais, informarem-se e, se possível for, vivenciarem o intercâmbio cultural com pessoas de fora de sua realidade imediata, para então produzirem um discurso mais elaborado e assertivo.

Se for necessário um combate, é bom saber contra quem se está; se for possível um casamento, que seja com a melhor das festas. Me parece que geralmente no Brasil, não digo em todos os casos mas na maioria deles, não se tem clareza de quem ou o que se deve combater e quais são as armas à disposição em um enfrentamento, além de não serem raros os casos onde as fricções ocorrem justamente entre amantes, abrindo espaço para que movimentos oportunistas ganhem o centro do palco.

Muita mutreta pra levar a situação  
Que a gente vai levando de teimoso de pirraça  
Que a gente vai tomando porque também sem a cachaça  
Ninguém segura esse rojão. (BUARQUE, Chico. Meu caro amigo)

Vimos isso na história recente do Brasil, com os trágicos anos de 2018 até 2022, com o campo artístico e cultural sendo atacado e desmontado da mesma forma que o campo social e progressista. Se estávamos em uma primavera em 2006 e em um inverno em 2017, isso nada

tinha e nem tem a ver com Portugal, mas sim com a nossa própria história, cujas páginas hoje podem estar sendo escritas fora dos limites das nossas fronteiras.

Como vemos, então, não é Portugal ou a Europa como um todo o Éden, ou um fetiche elitista de outros tempos. Aqui forma-se uma nova realidade, onde os oriundos do Brasil entendem a necessidade de afirmação de sua identidade que, indefinida na origem, se delimita por necessidade aqui. Cada um vindo de seu estado reforça naturalmente tal questão, buscando o que lhe é familiar. Quando nos encontramos em um lugar comum, BR, o sentimento é de proteção e acolhimento, assim tem que ser.

*Olha aí, é o meu guri.*(BUARQUE, Chico)

Artistas, aqui, acabam por exercer sua função de direito e dever: escrever a história à sua maneira, mais abstrata e elaborada, e comunicar no momento presente aquilo que se passa pela alma humana durante sua existência no tempo e no espaço.

O Brasil não é também o Éden, ironicamente, enaltecido por Pero Vaz de Caminha. Por que, então, deveríamos acreditar em uma visão tão idílica e estrangeira? Talvez porque, inconscientemente, o brasileiro prefira a paz custe o que custar, do que a luta caso necessária for.

Que se ilustre esse momento, com um trecho de uma música importantíssima da história de Portugal, praticamente um poema concreto, cheio de amor, como só os portugueses conseguem fazer,

Grândola vila morena  
Terra da fraternidade  
O povo é quem mais ordena  
Dentro de ti ó cidade. (AFONSO, Zeca, Grândola vila morena)

Em poucos meses de um novo governo, 2023 está longe de ter começado em calmaria. Mudanças imensas começaram a despontar, mas ainda nada está certo. A classe política assume o protagonismo, pela ausência de substituto; a classe artística, precisa manter-se alerta e combativa.

Aqueles que emigraram, o fizeram com razão e circunstância, e combatem, de longe, por algo que não está delimitado por fronteiras políticas, combatem por uma identidade que, por mais real que seja, não foi ainda reconhecida dentro de um projeto de país.

Foi um triunfo, mas também sintomático, que o Movimento Armorial de Suassuna, tenha conseguido valer-se da máquina pública em sua fundação para, dentro de um projeto pedagógico, informar às massas sobre o património cultural popular. Talvez seja esse um modelo aplicável ainda hoje, aproximando-se, por um lado, da violenta ética (ou seria antiética?) dos editais de fomento à cultura e, por outro, se distanciando, mostrando a possibilidade de uma política cultural mais duradoura e responsável pelo que fomenta, não deixando que desapareça uma tradição ou que se produza arte sob demanda.

Uma música que traz histórias da terra, para além de sua letra:

Ceguei na beira do porto  
Onde as onda se espalham  
As garça dá meia volta  
E senta na beira da praia  
E o cuitelinho não gosta  
Que o botão de rosa caia, ai, ai. (XANDÓ, Antonio Carlos; VANZOLINI,  
Paulo.Cuitelinho)<sup>4</sup>

O Brasil produz riqueza mas não está acostumado a democratizá-la. Arte popular vira sinónimo de privilégio quando não há uma política pública na constituição para a preservação do património imaterial brasileiro. As chamas que arderam no Memorial da America Latina, na Cinemateca, no Museu Nacional e no Museu da Lingua Portuguesa arderam também nas mentes, corpos e corações dos artistas brasileiros que, nessa catástrofe seletiva, ainda não assumiram sua dor e sua indignação como uma bandeira constante.

O Japão pós-guerra deu ao mundo o Butô, já o Brasil pós-desastres em Mariana e Brumadinho, ainda deve a si mesmo uma forma de arte que denuncie e combata tais problemas. Não é saudável sublimar catástrofes pelo imperativo da alegria. Com tantas catástrofes já vividas, a arte brasileira tem o direito e o dever de ser protagonista da história de seu país.

O nomadismo é uma das muitas alteridades latino-americanas e, com isso, brasileiras. Já que somos latino-luso-afro-pindorâmicos-americanos, é válida essa vivência extra-

---

<sup>4</sup> Nota do autor: Nesta composição, os referidos autores recolheram os versos da canção popular.

continental da arte brasileira, que pode encontrar espaços férteis em outras ordens sociais, e também espaços de respiro em ordens pessoais, para existir.

A chuva ouviu e calou meu segredo à cidade  
E eis que ela bate no vidro trazendo a saudade. (MARIZA, A Chuva)

A cor do céu me compõe  
O mar azul me dissolve  
A equação me propõe  
Computador me resolve. (ZÉ, Tom; LEE,Rita. 2001)<sup>5</sup>

O direito de ir e vir, não só é humanista como também é arma política e ferramenta de subsistência, serve para levar produto de exportação. Algo nascido nas diversas realidades possíveis no Brasil e que merece todo o reconhecimento do mundo inteiro. Um reconhecimento que não seja condescendente ou pautado em emergências ou precariedades. A alma brasileira é brilhante em sua diversidade e valiosa em sua capacidade de gerar ao mundo um discurso necessário.

A arte brasileira não é somente reativa ou sobrevivente, mas ativa e propositiva, olha para o futuro e para questões que ainda começam a ser discutidas no mundo mas que, no meio artístico brasileiro, já são uma realidade. A conexão com a terra como mãe geradora de humanidades e a livre expressão de gêneros são algumas das possibilidades que já colocam o Brasil na vanguarda global de produção artística.

Beijou sua mulher como se fosse a única  
E cada filho seu como se fosse o pródigo  
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego. (BUARQUE, Chico. Construção)

Creio ser importante pensar na erudição como reflexo dos movimentos mais vivos, como uma consequência do pensamento arrojado e da capacidade abstrativa. Não é erudição, então, um sinônimo de elitismo ou segregação do saber, mas ao contrário, como já sugerido

---

<sup>5</sup> Nota do autor: interpretado por MUTANTES.

pelo Movimento Armorial, outro grande tesouro de nossa história, é possível de surgir dentro da expressão artística popular.

O exercício reflexivo, levou o artista brasileiro a conclusões e propostas diferentes no decorrer da história da arte no Brasil, muitas vezes contrastantes como foi o caso do Modernismo e o Parnasianismo na década de 1920, a oposição entre Tropicalismo e a Bossa Nova em 1970 e mesmo entre as ideias Armoriais e do Mangue Beat em 1994. Há oposições sempre entre abrir ou fechar a arte brasileira às influências externas.

Passados esses momentos históricos, ve-se ainda hoje essa discussão ocorrendo, mas não mais importa a que conclusão se chega ou qual grupo consiga mais apoio, se não que a arte seja fomentada indistintamente. Os debates mais servem como um espetáculo por si só para incentivar o pensamento de um povo sobre sua identidade do que em chegar a uma unanimidade.

Sapatênis de vinil, bolsinha baguete  
Luvinha de pelica, você não me esquece  
Lesbian Chic, sapacaxa do agreste  
Superafim, superafim, superafim de mim. (CANSEI DE SER SEXY. Super Afim)

O medo do estrangeiro porém não se justifica visto que, seja como for, já é uma realidade. Resta ao Brasil, sempre com vocação para a pluralidade, definir se irá abraçar essa bandeira integralmente ou se vai vender seu possível protagonismo ao obscurantismo de livros que juntam poeira nos anais da história.

Moderno, pós dramático, contemporâneo?

Chanchada, Cinema Novo, Boca do Lixo, Retomada, Cinema na favela, Cinema nas aldeias?

Para onde pode ir a movimentação artística no Brasil? Sem consciência de sua história e de sua realidade atual, para poucos lugares. Com essa bagagem bem organizada e documentada, espera-se que cada ano seja um mar repleto de ondas, de todas as espécies e em todas as direções.

Deixa eu me apresentar

Que eu acabei de chegar  
Depois que me escutar  
Você vai lembrar meu nome

É que eu sou dum lugar  
Onde o céu molha o chão  
Céu e chão gruda no pé  
Amarelo Azul e Branco. (ANAVITÓRIA. Amarelo Azul e Branco)

Então retoma-se o olhar para a zona de batalha, para a arte da guerra, como sugeriu Sun Tzu, “Para vencer, deve conhecer perfeitamente a terra (a geografia, o terreno) e os homens (tanto a si mesmo quanto ao inimigo). O resto é uma questão de cálculo. Eis a arte da guerra.” (TZU, Sun. A Arte da Guerra, 2006)

Algumas batalhas são bastante particulares e travadas no além mar, no terreno Lusofono. O festival Mimo ocorre na cidade do Porto, em Portugal, e é palco para diversos tipos de manifestação artística, desde cinema, poesia, *performance* e, principalmente, música; tendo também eventos, como palestras e debates. Na edição de 2022, contou com a participação do artista amazonense Rafael BQueer performando em uma das mais movimentadas praças da cidade.

Sua apresentação foi simples, mas necessária. Claramente uma presença de luta, não contra os portugueses necessariamente, mas contra a ignorância mundial a respeito do Brasil - o país de fato, fora dos achismos e dos cartões postais; o país pulsante, humano, real.

No contexto onde foi feita a *performance*, tempo e espaço, teve ainda mais contundência, pois ainda era o governo de Bolsonaro e, em Portugal, surgiam relatos de xenofobia quanto ao aumento da imigração de brasileiros.

O imigrante brasileiro, colocado dessa forma, é um avatar irreal, pois é baseado em um proto-sotaque padrão, baseado em tudo aquilo que não tem a pronuncia portuguesa, mas que não define nem de perto a pluralidade dos sotaques brasileiros.

Rafael BQueer em sua *performance*, falando na “Língua do P” atinge, mesmo que não tenha sido sua intenção inicial, uma repercussão e representatividade muito maior do que a questão amazônica, *queer*, ou artística. Sendo sua arte focada em questões particulares, leva o público brasileiro distante dessas questões a sentir-se representado pela sua força e presença, nos leva para um lugar comum a todos brasileiros, à irreverência, à provocação, à conexão com

a terra e com o imprevisível. Traz também ao público português uma dose de um remédio um tanto ácido, aqueles que reclamavam de influência de Felipe Neto, *youtuber*, na maneira de falar e usar a língua portuguesa por parte das crianças e adolescentes portugueses, agora ouviam um “sotaque” ainda mais diferente, a “língua do p” que certamente não influenciaria ninguém a imitá-lo, mas se marcaria como uma diferenciação referente às formas de usar a língua portuguesa, ao ponto de tornar a comunicação repleta de ruídos, de não cumprir o percurso estrutural básico de discurso, recepção e assimilação.

BQueer aposta no ruído verbal, sendo si mesmo um ruído existencial na circunstância, mas que é assimilado pelo público brasileiro, que reconhece em sua *performance* o intangível pertencimento comum da ação decolonial e estruturadora de um pensamento de Brasil a partir do próprio, e não mais de uma referência europeia.

Mão que treme é porque teme e anseia a nova escrita  
Sem saber direito por onde começar  
A luta cresce proibida, fatigada, inibida  
É um passo pra cá e um passo pra lá

Pimenta no dos outros pra se aliviar  
Pimenta no dos outros é fácil botar. (ABACAXEPA. Pimenta)

Ainda que seja importante que o Brasil milite por ser reconhecido como pertencente a uma lógica comum Americana, o pertencimento ao mais primal da própria terra é claro, mais elaborado e de difícil exposição e reflexão, pois pede que todos os paradigmas em vigor no momento sejam deixados de lado: a estrutura acadêmica, a religiosa, a estatal e até a de constituição individual sejam rompidos para buscar algo ainda sem forma definida, mas certamente verdadeiro, latente em todos nós.

Em meio a exemplos pontuais e um tanto conflituosos, trago outras constatações de outras possibilidades de exportação de memória, cultura e arte brasileira para Portugal.

BR  
Inventivos

PT  
Detalhistas

BR  
Antropofagia

PT

Tradições esquecidas

BR  
Complexo de Vira-lata

PT  
Primo pobre da Europa

BR  
Centenario da Semana de 22

PT  
Luso-tropicalismo

BR  
Fado tropical, Chico Buarque

PT  
Sabiá, intérprete Carminho , de Chico Buarque e Tom Jobim

BR  
Calice

PT  
Grandola Vila Morena

BR  
Deus e o Diabo na Terra do Sol de Glauber Rocha

PT  
Amor de Perdição de Manoel de Oliveira

BR  
Brincante

PT  
Body Buildings

BR e PT parecem perder uma oportunidade de uma parceria imensa transnacional e multicultural.

Não é o delírio do Luso-tropicalismo ou o ranço movido por um imaginário estéril a respeito de Portugal que conduzirá a nada.

Um ranço do lado sulamericano que diz ser libertário, e defende bandeiras internacionalistas, mas repentinamente, alia-se à uma ideia quase nacionalista. O Brasil atual guia sua política externa por cruzadas alheias, por malentendidos e por projeções maniqueístas, em um tabuleiro de xadrez que, de fato, não conhece nenhum dos dois jogadores.

Nem a África nem a Europa, dois continentes eleitos como ancestrais, mas pouco explorados pelos seus inadvertidos herdeiros.

Enquanto fomenta a briga entre fantasmas distantes, em suas terras o brasileiro permanece distante de si; condescendente, paciente, aguarda a liberação dos editais para que algo seja escrito nas páginas de sua história.

Do lado de cá, uma displicência e uma confortável ignorância. Alguns passam pelas ruas torcendo o nariz para o funk que toca nas ruas mas, ao chegarem em casa, assistem às novelas da Globo e ao noticiário político brasileiro. Vez ou outra, um português quando tem a chance de encontrar um brasileiro mais ou menos disponível para tal conversa pergunta “e esse Bolsonaro, mas não percebo como pode?” ou ainda “com o Lula as coisas sim que vão melhorar, não é?”.

Fica nisso porém. Já pensaram em ir conhecer? Não o Brasil postal, mas o Brasil América? A Sulamérica com tudo que tem de melhor e que não aparece nas fotos? Se fossem ao MASP, ou ao MIS, ou assistir a um filme ao ar livre no Ibirapuera, o que pensariam nossos colegas portugueses?

São oito milhões de habitantes  
De todo canto em ação  
E amando com todo ódio  
Se odeiam Que se agridem cortesmente  
Morrendo a todo vapor  
com todo amor. (ZÉ, Tom. São São Paulo)

Já se sabe de onde vem a calma dos Mineiros, a atitude que sem pressa e com muita teimosia vão fazendo as coisas caminharem, quase sem esforço, quase sem explicação, uma toada lenta demais para quem se criou na Babilônia paulista, mas que é assegurada sem muitas surpresas, sem muitos desvios de trajeto, garantindo o caminho tranquilo justamente pela demora. Aquilo que correr mal, desenrasca-se: é assim por aqui, o jeitinho português.

Para quem tem pressa, porém, é a América, continente como um todo onde o tempo passa diferente, os problemas são maiores e as batalhas mais dramáticas. Norte ao Sul do Novo Mundo é assim. Ao Norte, entretanto, há uma herança mais pragmática que talvez tenha construído a ponte UK-US, que respeita as pontas ao mesmo tempo que mantém o trânsito livre.

Pode-se ver, tranquilo, após a poesia feita páginas atrás que, hoje em dia, Beatles e Beach Boys, Red Hot Chilly Peppers e Strokes, Harry Potter e Star Wars, são moedas correntes, plenamente equivalentes.

Como responder, então, ao absurdo do Luso-Tropicalismo? Se em Portugal os artistas movem-se lenta e constantemente, como pode o senso de urgência não ter mantido nossa fome antropofágica? Como pode uma meia dúzia de cromossomos portugueses terem em nosso sangue nos afastado do ritmo de luta de nossos vizinhos Argentinos, cuja arte e cultura se faz presente em terras portuguesas, onde a brasileira não se encontra?

Volver a sentir profundo  
Como un niño frente a Dios  
Eso es lo que siento yo  
En este instante fecundo (PARRA, Violeta. Volver a los Diecisiete)<sup>6</sup>

Disfarçamos nossa letargia sob nome de *UBUNTU*, aquilo que não conhecemos e que ouvimos falar, distanciar de um suposto colonialismo europeu já tão concretamente distante quanto imaginariamente enraizado. É por tentar fugir de um fantasma que criamos outro, mas nossa terra continua entre o mar e o sertão.

Será possível, porém, nos acalmarmos se olharmos ao redor, sentarmos nas praças, mesas de bar, cafeterias dos museus, conversarmos com um ou outro que perceba o quanto tempo podemos ganhar de vida ao simplesmente fazer o que temos que fazer? Viver assim a vida de maneira ativa e não mais reativa, abandonar a tercerização dos sonhos e da dignidade e assumir a autoria do nosso destino.

Exportar arte, melhor seria, antes que os artistas todos se tornem emigrantes.

---

<sup>6</sup> Nota do autor: Musica de inspiração folclórica chilena, interpretada por muitos artistas, dentre eles: Mercedes Sosa, Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Gal Costa.

## Referências

Arte no Brasil.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ew5XpfZMwnQ> Acesso em: 16/03/2023.

Carmem Miranda – *Buenas Ideas*.

<https://www.youtube.com/watch?v=Muo1Wuy3fMU> Acesso em: 16/03/2023.

COSTA, Jonathan; GALANTE, Pedro; LEITÃO, Cristina Planas (ed/org) et all. **Cadernos do Rivoli 10: História(s) da Dança**. Publicação do Teatro Municipal do Porto, Impressão Lidergraf Sustainable Printing: Porto, PT, 2023.

Documentário Dança da Comunidade, “Caminhos do Encontro, Ivaldo Bertazo”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o4jQ7EwU8Pc> Acesso em: 16/03/2023.

Documentário sobre Augusto Boal.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE48YJ767kQ> Acesso em: 16/03/2023.

Encontro Tecnologia Óptica e Teatro – Luiz Octavio Burnier.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZqBJUApOgo> Acesso em: 16/03/2023.

O que é Cultural Technology.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYqI7ayBd7Q> Acesso em: 16/03/2023.

O que é Movimento Armorial.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iv9RowU6roIA> Acesso em: 16/03/2023.

O que é Política Cultural.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mq-NaLn5luE&t=76s> Acesso em: 16/03/2023.

O que é *Soft Power*.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mUoessk7RAQ&t=215s> Acesso em: 16/03/2023.

Políticas Culturais.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57WGVQAz0OY>

Acesso em: 16/03/2023.

Sobre Emerson Uýra, anunciando sua palestra no Mimo Festival.

Disponível em: <https://mimofestival.com/portugal/forum/emerson-uyra-e-fernando-sequeira/>  
Acesso em: 16/03/2023.

Sobre Klaus Vianna.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aVP\\_RjVMdLo](https://www.youtube.com/watch?v=aVP_RjVMdLo) Acesso em: 16/03/2023.

Sobre Rafael Bqueer, site da Casa Comum, responsável pela sua apresentação no Mimo Festival.

Disponível em: <https://www.up.pt/casacomum/eventos/de-corpo-presente-manifesto-pela-amazonia-com-rafael-bqueer-brasil-performance-mimo-2/> Acesso em 16/03/2023

Sobre Suassuna e Chico Science.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9tEOHb3vClQ> Acesso em: 16/03/2023.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução: Sueli Barros Cassal. Porto Alegre, RS, BR: L&PM,2006.